

RESUMO

O processo de resignificação nos objetos e nas práticas sociais é percebido na medida em que é atribuído sentido para os humanos, quiçá, ainda, pode-se afirmar que determinados produtos simbólicos, sejam objetos ou costumes, podem apenas ser compreendidos por um grupo específico, pois só ele consegue interpretar tais códigos culturais. Essa especificidade, que significa a um grupo identificando-os e caracterizando-os, demarca a sua identidade cultural. Decorre dessa lógica o cordel, produto cultural ressignificado no contexto brasileiro. Esta pesquisa objetiva analisar a (i)materialidade patrimonial relativa ao cordel brasileiro. Expressão cultural da natureza identitária nascidas nas terras nordestinas do Brasil, os folhetos recebem visibilidade nacional no século XXI, incluídos no circuito editorial de livros didáticos do ensino fundamental e médio. Com base em pesquisa estritamente documental e bibliográfica, realizou-se leituras na área do patrimônio, cultura e cordel, estabelecendo os seus enlaces com a Ciência da Informação (CI) na atmosfera do acervo de cordel da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. A abordagem adotada foi qualitativa na perspectiva da interpretação e da criação de construtos teóricos que vislumbram o diálogo entre as áreas propostas, especificamente, entorno da materialidade e imaterialidade do cordel como fenômeno identitário. A vivacidade e a simplicidade do cordel confirmam os seus traços culturais nordestinos. O cordel, para além do conteúdo, é carregado de valor identitário, pois nos reconhecemos nas histórias produzidas e contadas por nossas mães antes de dormir e na sua simbólica discursiva, que vai desde o uso de termos aos códigos linguísticos que permite nos vermos traduzidos nesse universo literário. É verdade é que a materialidade do cordel concretiza sua inscrição em suportes escritos e digitais, assumindo configuração de livros, folhetos e páginas na internet. O seu reconhecimento enquanto documento de cultura assegura a sua imaterialidade, quer dizer, a sua extrema sintonia com as pessoas. Se ainda são produzidos e comprados é porque há aceitação dos grupos humanos, e isso é por si só argumento que explica por sua relevância e existência. A guarda dos cordéis nas instituições como bibliotecas, por exemplo, é prova de seu reconhecimento social, pois expressam elementos da identidade grupal. Conclui-se que o folheto é um produto da ação humana e se figurou no século XX como notadamente nordestino, assumindo roupagem peculiar dessa cultura. Ele assume sua matéria num suporte e, seu estatuto de patrimônio lhe é atribuído pelo reconhecimento social em função do sentido produzido.

Palavras-Chave: Cordel brasileiro; Cultura material; Cultura imaterial; Ressignificação cultural.

¹Tese defendida em 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sob o título: Práticas autorais do cordel no contexto da propriedade intelectual. Orientação: Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

ABSTRACT

The process of re-signification in objects and social practices is perceived in the sense that it is given meaning for humans, although it may be said that certain symbolic products, whether objects or customs, can only be understood by a specific group, because only he can interpret such cultural codes. This specificity, which means a group identifying and characterizing them, demarcates their cultural identity. It follows from this logic the cordel, a cultural product re-signified in the Brazilian context. This research aims at analyzing the (i) patrimonial materiality related to the Brazilian cordel. Cultural expression of the identity nature born in the northeastern lands of Brazil, the leaflets receive national visibility in the 21st century, included in the editorial circuit of elementary and middle school textbooks. Based on strictly documentary and bibliographical research, readings were made in the area of heritage, culture and cord, establishing its links with Information Science (CI) in the atmosphere of the cordel collection of the Attila Almeida Rare Works Library. The approach adopted was qualitative in the perspective of the interpretation and creation of theoretical constructs that envisage the dialogue between the proposed areas, specifically, around the materiality and immateriality of the cordel as a phenomenon of identity. The liveliness and simplicity of the cordel confirm its Northeastern cultural traits. The cord, in addition to content, is loaded with identity value, for we recognize ourselves in the stories produced and told by our mothers before bed and in their discursive symbology, ranging from the use of terms to the language codes that allows us to see ourselves translated in this literary universe. It is true that the materiality of the cordel materializes its inscription in written and digital supports, assuming configuration of books, leaflets and pages in the internet. Its recognition as a culture document ensures its immateriality, that is, its extreme harmony with people. If they are still produced and bought it is because there is acceptance of the human groups, and this is in itself an argument that accounts for its relevance and existence. The guarding of the cords in institutions such as libraries, for example, is proof of their social recognition, as they express elements of group identity. It is concluded that the leaflet is a product of human action and was seen in the twentieth century as notably Northeastern, assuming the peculiar clothing of this culture. He assumes his material in a medium and his status as patrimony is attributed to him by social recognition in function of the sense produced.

Keywords: Brazilian Cordel; Material culture; Intangible culture; Cultural re-signification.

1 INTRODUÇÃO

Criar e recriar o mundo em meio a sua percepção parece ser a condição da natureza humana. Estamos num eterno *devir* na construção de nossas necessidades, que são delineadas pelo arsenal e pelas possibilidades tecnológicas que conseguimos produzir. Ou seja, o homem é um ser limitado pelos produtos culturais gerados por sua ação, delimitados num dado espaço e tempo de sua existência. Para atender as suas necessidades, o homem atua como agente de transformação da natureza e a resignifica, construindo, manipulando e nominando os objetos e os seus costumes, entendidos como regras sociais que permeiam a convivência coletiva. Essas produções e costumes acontecem nas práticas, processos e fazeres sociais e são conhecidas por cultura.

É, sem dúvida, um processo que envolve a criatividade, característica que nos diferencia dos outros animais existentes no planeta. Revela-se por uma capacidade cognitiva peculiar, que ocorre pela produção e pela acumulação de registros e dos fazeres informativos. A cultura é o

que agrega um sentido particular na relação entre os homens e entre estes e a natureza que os circundam (CHAUI, 2000). Também percebemos que possuímos características pontuais e representativas de determinados grupos, o que nos permite entender que a cultura também envolve singularidades.

O processo de resignificação nos objetos e nas práticas sociais é percebido na medida em que é atribuído sentido para os humanos, quíça, ainda, podemos afirmar que determinados produtos simbólicos, sejam objetos ou costumes, podem apenas ser compreendidos por um grupo específico, pois só ele consegue interpretar tais códigos culturais. Essa especificidade, que significa a um grupo identificando-os e caracterizando-os, demarca a sua identidade cultural. Assim, ao recriar os objetos na natureza ou delimitar costumes, em função de suas necessidades, o homem manipula a realidade em seu benefício, humanizando o que se encontra a sua volta e as pessoas, num processo diário de interação. Desse modo, afirmamos ainda que a cultura é o que nos identifica enquanto macro ou micro grupo.

O processo, que estamos vivenciando desde os anos 50 do século XX, de produção informacional em massa e a quebra das barreiras locais mediada pela internet, fez vir à tona dois fenômenos contraditórios (ou complementares?): a massificação também nominada por globalização e o seu efeito revez, uma individualização extremada. Assistindo a programas televisivos, vemos constantemente em nosso cotidiano pessoas modificando os seus corpos em busca da uma exclusividade identitária. Essa prática da exclusividade é vista com frequência em tais programas nos discursos de grupos de tatuadores ou usuários de "pierces". Assim, percebemos que o século XXI é marcado pelo apego ao diferente e a todo e qualquer conjunto de produtos gerados por um grupo que o distingue dos demais. É o que Castells (1999) já sinalizava, as identidades são fontes e formas de poder.

Órgãos passam a ser constituídos no mundo todo no sentido de identificar, demarcar, descrever, registrar e criar políticas culturais que envolvam a disseminação das práticas humanas que especializam grupos sociais (BUENDIA; SILVEIRA, 2011). O discurso da *homogeneização* é adormecido e, em seu lugar, substituído pela tendência social de âmbito internacional: o que nos faz exclusivo? O capital percebe um forte nicho de mercado, nascendo novos campos de saber e de trabalho atrelados: gastronomia, hotelaria, turismo, entre outros, frutos das novas tendências do mercado cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1995). Essa mercantilização da cultura é identificada na literatura antropológica como patrimonialização (BUENDIA; SILVEIRA, 2011).

Essa desenfreada busca pela identidade de cada povo ou região cria e recria práticas de registro, encontrando e inventando tradições (JARMAN, 1998, tradução nossa). Os arquivos, as bibliotecas e os museus passam pelo processo de visibilidade e de relevância na sociedade, recebendo financiamentos dos mais diversos. É tão forte essa tendência que no Brasil, por exemplo, o governo isenta os tributos de instituições financiadoras de projetos culturais. Geralmente, incorporadas em ambientes responsáveis pelo registro, tratamento, armazenamento e disponibilização do patrimônio cultural e documental acumulado por cada região em seus espaços convencionais de informação, a saber, arquivos, bibliotecas e museus. Com isso, reforçamos que temos uma visão livre de romantismo acerca dos documentos, práticas, processos e fazeres quando estes assumem o papel de patrimônio cultural.

Um desses espaços de cultura que passamos a desenvolver o trabalho técnico e de reconhecimento de sua natureza identitária nordestina foi o acervo de cordel da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), pertencente à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Esse trabalho, que foi iniciado em 2006, objetivou tratar, armazenar, reformatar digitalmente e disponibilizar esse acervo, de produção exclusivamente brasileira (MAIA, 2013). Encontramos folhetos datados do início do século XX, demarcando a sua importância qualitativa. Já a sua relevância quantitativa é que tais cordéis, em 2018, chegaram ao total de 13.296 títulos, configurando-se uma das maiores coleções do planeta (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2016).

Nesta direção, como profissionais que lidam nesses ambientes e considerando os dilemas acima expostos, o nosso objetivo é analisar a (i)materialidade patrimonial relativa ao cordel brasileiro. Expressão cultural da natureza identitária nascidas nas terras nordestinas do Brasil, os folhetos recebem visibilidade nacional no século XXI, incluídos no circuito editorial de livros didáticos do ensino fundamental e médio.

2 TECENDO OS LAÇOS E OS LASTROS METODOLÓGICOS

É diante dos obstáculos, do processo reflexivo sobre a realidade, seja ela natural ou social, que emerge o conhecimento científico, configurando-se como ato humano e ativo, que parte de situações problematizadoras e estabelece-se por meio do diálogo. Essas, inclusive, estão na essência do ato de conhecer, que têm como situação-base o questionamento, a dúvida, a inquietação, enfim, a pergunta.

Embora possamos nos pronunciar em determinados momentos como pesquisadoras individualmente, estamos convictas das nossas possibilidades e limitações, fazendo de nós pesquisador num sentido mais amplo. Se por um lado possuímos histórias existenciais particularizadas, por outro, vemo-nos possuidores de crenças e valores, que irrigam nosso pensamento e não nos fazem diferentes da totalidade dos humanos. Somos também reflexo de nossa cultura e nela estabelecem-se formas de poderes e de saberes, compondo a estrutura relacional dos sujeitos (FOUCAULT, 2003). Com isso, queremos dizer que constantemente somos influenciados e ao mesmo tempo influenciemos modos de dialogar, de comportar-se e de trabalhar (MAIA, 2004).

Coadunando com esse ponto de vista, a nossa opção metodológica direciona-se na leitura e interpretação do cordel, caracterizando as suas especificidades documentais inerentes e contextuais. Cabe salientar que, por leitura, entendemos o ato de manifestação da multiplicidade de sentidos em que o leitor pode significar, por meio de suas concepções históricas e filosóficas, a sua representatividade sobre o mundo. A cada sujeito-leitor lhe é impresso um modo peculiar e singular de entender o objeto e, por isso, "os sentidos não 'brotam' das palavras" (ORLANDI, 1998, p. 99), mas se encontram no não-dito, quer dizer, no que não está dado. Sendo assim, "a leitura, pois, é um diálogo através dos tempos e no qual leitores e autores se comprometem no exercício de uma mesma intenção, que é a de elucidar algo que os dialogantes, em que pesem as diferenças das respectivas condições históricas, constitui-se problema em comum" (ULHÔA, 1997, p. 45). Desse modo, a interpretação busca pelo sentido, partindo do princípio de que cada sujeito interpretante instrumentaliza-se de suas condições históricas (MAIA, 2004).

Com base em pesquisa estritamente documental e bibliográfica (MINAYO, 1996; RICHARDSON, 1999; SEVERINO, 2007), realizamos leituras na área do patrimônio, cultura e cordel, estabelecendo os seus enlaces com a Ciência da Informação (CI) na atmosfera do acervo de cordel da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida.

Assim, nossa pesquisa, constitui-se de abordagem qualitativa, trabalhando na perspectiva da interpretação e da criação de construtos teóricos que vislumbram o diálogo entre as áreas propostas, especificamente, entorno da materialidade e imaterialidade do cordel como fenômeno identitário. Se consideramos os elos que a pesquisa se propõe, situa-se tanto descritiva como exploratória (RICHARDSON, 1999).

No primeiro aspecto, expomos informações detalhadas acerca do documento objeto de nosso estudo, a saber, o cordel. Em relação ao seu caráter exploratório, configura-se na aproximação do folheto, documento recém introduzido como objeto de análise na perspectiva da CI, enquanto fenômeno discutido no âmbito dessa ciência emergente e o seu viés patrimonialista.

3 O CORDEL: conceito e características

O que nos identifica enquanto brasileiros? Sem dúvida, a língua é um forte fator identitário. E que nos faz identificar como sendo nordestinos?

Vivemos num mundo cada vez mais marcado pela busca dos elementos únicos que demarcam nossa identidade local e, em alguns casos extremos, pessoal. No caso da identidade local, o "ser nordestino", podemos pontuar uma série de objetos e de costumes que remetem a essa condição, eis: música, comida típica, literatura, arquitetura, festividade, modo de falar, machismo, hospitalidade, entre outras formas de representação.

Dentre o repertório de objetos identitários que simbolizam o nordeste, escolhemos o cordel. Mas por quê? Entendemos que o cordel se posiciona como um documento cuja proposta é a materialização da representação da mentalidade do homem nordestino. Configura-se como um registro escrito tradicional em função de sua capacidade de resignificação (ASSMANN, 2011). Sua raiz, sem dúvida, veio timidamente nos navios europeus no século XVIII (BORGES, 1998), aportando em segurança no Brasil no século XIX em virtude da ocupação da família real portuguesa, fugida da Europa napoleônica. Universidades, Biblioteca Nacional, escolas e tipografia foram os pontos significativos para esse processo de popularização e produção dos folhetos brasileiros (CURRAN, 2009). Segundo Saraiva (2011b),

com a chegada da imprensa régia ao Brasil, em 1808, [os folhetos] começaram a ser impressos [localmente]. Primeiro, alguns mais ou menos iguais, em texto ou grafismo, aos de Portugal, depois, já na segunda metade do século XIX, começou no Nordeste a produção sistemática de cordel, com textos adaptados ou originais. As razões que impuseram o cordel no Nordeste, e não noutros lugares brasileiros, são de vária ordem – mas passam pela existência de poetas populares de grande talento em terras pernambucanas e paraibanas, e pela falta, nessas terras, de outros modos de distração e de comunicação, ou tão só pelo gosto com que massas mesmo semi-analfabetas ou analfabetas recebiam as estórias em verso, facilmente memorizáveis no todo ou em parte.

As condições tecnológicas foram propícias, mas, além disso, os nordestinos foram demonstrando uma forte inclinação artistas tanto para o tipo de escrita sugerida pelo cordel como na sua produção imagética. Aqui, nos referimos à xilogravura, que representam desenhos talhados em carimbo de madeira. Essa técnica de reprodução muito antiga e que também se perpetua na prática dos cordelistas nordestinos em pleno século XXI.

É interessante notar que várias outras tecnologias do entretenimento foram surgindo e convivendo ao longo das décadas no circuito social como o livro, o jornal, a rádio, a televisão e, mais atualmente, a internet. Em outros lugares do mundo, os folhetos sumiram das práticas sociais, no entanto, no Brasil, especificamente no nordeste, tanto permaneceram como se renovaram, sendo produzidos e disseminados no século XXI entre os *bits* e *bytes* em escala mundial. Para além do suporte, a resignificação nos cordéis brasileiros ocorreu desde a sua gênese no século XIX, recriando e adaptando histórias da literatura universal aos costumes, cenários e vocabulário nordestinos. Como exemplo, isso é visualizado nos folhetos de Barros ([20--]), considerado o pai do cordel brasileiro, e de Monteiro (2009), um dos maiores poetas deste gênero do século XXI, nas narrativas "História da donzela Teodora" e "O gato de botas", respectivamente.

Do ponto de vista da estrutura textual das estrofes da poesia, Leandro Gomes de Barros (1865-1918) imprime a sextilha em nossos cordéis como uma marca, embora encontremos septilha, oitava e décimas (ACADEMIA..., 2015; ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978). Assim como Borges (1998), percebemos outra característica que personaliza os folhetos brasileiros em relação a sua temática e agrupando-os em duas categorias: (a) os que narram histórias fictícias da literatura tradicional e local, eis a sua proximidade com a sua raiz europeia e (b) relacionados às histórias de personagens reais como biografias, assassinatos, descrição de locais e fatos históricos. Neste sentido, reside a sua atualidade e proximidade informativa, característica dos jornais. Nos dois casos, os termos (vocabulário) e a leitura de mundo, que é inserida nas entrelinhas dos cordéis, são permeados por sua percepção nordestina, arraigada no machismo, preconceitos de gênero e cor, entre outros temas.

Supomos, pelo alto índice de analfabetos no nordeste e a prática da "contação" de história dos letrados para os iletrados, tenham sido fortes motivos para a sua permanência e existência no nordeste brasileiro. Sua estrutura, formada por frases curtas e rimadas, facilita a sua memorização e reprodução, mesmo para aqueles que não sabem ler (CURRAN, 2009; SARAIVA, 2011b). Também podemos supor que a sua permanência é advinda da capacidade de resistência do homem nordestino. Resistimos à seca e ao descaso do poder público e estamos fortes e produzindo criativamente. Contudo, essas suposições necessitam de pesquisas que reforcem e validem tais argumentos.

No acervo da BORAA, são localizados cordéis que retratam a política, a morte, a sexualidade, a celebração, os fatos históricos nacionais e locais com requintes pedagógico ou sarcástico. O cordel é marcado pela agilidade de circulação, barateamento de custo de produção e facilidade de venda, pois custa pouco e o encontramos nos mercados e feiras livres, prática essa conservada, sobretudo, no nordeste brasileiro (MAIA; AZEVEDO NETTO; OLIVEIRA, 2012).

Os 13.296 títulos do acervo da BORAA confirmam que não há tamanho padrão ou limite de páginas (MAIA, 2013). Também inexistente padrão rígido em suas capas. Encontramos xilogravuras, ilustração retiradas de revistas ou livros, fotografias, ausência de imagem e até desenhos livres (MAIA; OLIVEIRA, 2008; 2016). Os textos tipografados e as imagens utilizadas eram confeccionados de modo artesanal e em papel de baixa qualidade (extremamente ácido). Sobre os textos ainda, são produzidos em maioria por artistas emanados de classes sociais humildes, embora possuamos poetas de outros setores sociais como políticos e funcionários públicos (ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978). Os folhetos são escritos em rimas e tratam de diversos temas, desde histórias mirabolantes até fatos reais locais e nacionais.

As práticas de exposição e venda, cabe mencionar, também tradicionais, "vindas para o Brasil por meio dos portugueses no século XIX: a cavalo num barbante, à cintura de cegos" (SARAIVA, 2011a, p. 7). Daí, supostamente, deriva o termo "cordel", diminutivo de corda, local onde eram postos os folhetos para exposição nas feiras livres e nos mercados. Atualmente, os folhetos também são vendidos em livrarias e em postos de conveniências da capital do estado da Paraíba, ou mesmo nos Shopping Centers. Passaram-se os anos, sofisticaram-se os locais de venda, mas as práticas seculares parecem resistir ao tempo! (MAIA; AZEVEDO NETTO; OLIVEIRA, 2012).

Segundo Saraiva (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2011), em palestra proferida em março de 2011, na Universidade Estadual da Paraíba para os alunos de Arquivologia, o folheto

cumpriu funções importantíssimas, porque, curiosamente, sempre foi um atrativo para os analfabetos e pessoas com pouca instrução que gostavam de ouvir as histórias de cordel, ou ver as xilogravuras que ilustram os livretos. Além disso, os impressos também cumprem o papel da distração e com um humor peculiar abordam desde histórias bíblicas, aventuras marítimas, histórias de personagens e heróis de cada localidade, alguns fatos verídicos, outros ficcionais. Conseguem informar e entreter acima de tudo.

Reforçamos, assim, o caráter universal desse documento, a sua ação político-pedagógica, mergulhando o homem no seu próprio mundo, ainda que este não possua domínio da *lecto* escrita, vive da oralidade, dos letrados lendo para os iletrados, conhecer as condutas morais, a sua história ao longo dos anos, fazendo imaginar o relatado (MAIA; AZEVEDO NETTO; OLIVEIRA, 2012).

A vivacidade e a simplicidade do cordel confirmam os seus traços culturais nordestinos. O cordel, para além do conteúdo, é carregado de valor identitário, pois nos reconhecemos nas histórias produzidas e contadas por nossas mães antes de dormir e na sua simbólica discursiva, que vai desde o uso de termos aos códigos linguísticos que permite nos vermos traduzidos nesse universo literário.

Percebemos, portanto, que o cordel tem materialidade física, mas por que ganha o estatuto de símbolo cultural nordestino? Esse estatuto simbólico é conferido por sua imaterialidade, presentes nas entrelinhas textuais escritas ou imagéticas. Mas, como está delineada essa imaterialidade no cordel? Ou seja, por que é possível afirmar que o cordel é um produto da imaterialidade?

4 O RECONHECIMENTO DA IMATERIALIDADE NO CORDEL

Partimos do pressuposto que o cordel tem essência política e pedagógica. Ao mesmo tempo em que se mostra produto da condição humana, também apresenta o pensamento, os fazeres e os costumes. Ou seja, o folheto é humanizado pelo homem ao mesmo tempo em que o humaniza. Os homens se criam ao criar os objetos. Nesse momento, a imaterialidade dos objetos, a exemplo do cordel, assume vida, ganhando alma e sentido humano, cercado de subjetividade que é atribuído pelos sujeitos (ARONI, 2010).

Ao mesmo tempo, é crescente o movimento que envolve os atos de expor as práticas de colecionismo dos produtos culturais, incutido na sociedade como necessidade de reafirmação da

existência humana. O que gera um processo de reanálise instrumental em torno do que escolher enquanto representação grupal e um despertar para as práticas, fazeres e objetos que incluem minorias/segmentos sociais, caso no qual podemos inserir os cordelistas ou poetas populares (SALAINI; GRAEFF, 2011).

A maioria dos cordéis pode ser sugestiva e atraente para o leitor. Os folhetos são constituídos de linguagem (textual e/ou imagética) que permite o processo de comunicação e de trocas simbólicas na forma de poesia. Suscita ao leitor um posicionamento na medida em que este, ao ler, pratica o processo de interpretação. Expõe, sem pudor e de forma espontânea, os preconceitos da sociedade em relação a grupos que destoam dos padrões "moralmente" aceitáveis. Por fim, podemos ainda afirmar que o folheto é um produto, registro de rimas inscrito num suporte (LE COADIC, 1996), e insere o homem no seu mundo, na sua cultura. Salaini e Graeff (2011, p. 173-4) posicionam-se criticamente acerca das

instituições e organismos nacionais e internacionais, [que figuram com o poder de delimitar o que é] patrimônio cultural [...] e bens culturais, [identificando, colecionando, preservando e tombando o que lhe convém, estabelecendo quais são os] monumentos [e os seus] conjuntos e locais de interesse [incorporando como produção humana e patrimônio cultural a partir da ótica da instituição].

Também alertam para os vários problemas e perigos dessas escolhas como a industrialização ou romantização ou invenção do patrimônio cultural, associado aos financiamentos estatais ou inclusão no circuito turístico. Em outros casos, uma "batalha" é travada para se apoderar desse reconhecimento. Esses aspectos são todos considerados em nossa análise, servindo como um alerta para o leitor no sentido de refletir acerca do mercado que se formou entorno dos produtos culturais (BUENDIA; SILVEIRA, 2011).

Os cordéis geralmente são classificados nas bibliotecas, em sua grande maioria, como sendo coleção vinculada à "leitura popular", oposta à ideia de "literatura erudita". Sem dúvida, uma nomenclatura depreciativa e que posiciona o cordel, ainda, como literatura de "segunda mão". Também é notório e necessário expor que presenciamos em vários circuitos acadêmicos, a exemplo das universidades estadual e federal da Paraíba, esforços voltados para o respeito quanto à visão de mundo explicitada no cordel, compreendendo e traçando pesquisas voltadas para as suas peculiaridades, envolvendo o seu sentido, estrutura e suporte.

Considerar o cordel como produto cultural é atrelá-lo a uma questão de escolhas, passando a assumir o papel de representação de um grupo. Essas escolhas são "construídas" ou "inventadas", materializando-se em objetos reconhecidos como identitários para uma dada comunidade. Nessa direção, não seria contrassenso partilharmos da crença que o passado é reconstruído no presente. Podemos compreender e refletir sob essa lógica com uma única questão: como queremos que nos vejam no futuro?

É verdade é que a materialidade do cordel concretiza sua inscrição em suportes escritos e digitais, assumindo configuração de livros, folhetos e páginas na internet. O seu reconhecimento enquanto documento de cultura assegura a sua imaterialidade, quer dizer, a sua extrema sintonia com as pessoas. Se ainda são produzidos e comprados é porque há aceitação dos grupos humanos, e isso é por si só argumento que explica por sua relevância e existência. A guarda dos cordéis nas instituições como bibliotecas, por exemplo, é prova de seu reconhecimento social, pois expressam elementos da identidade grupal (GONÇALVES, 2005). Assim, eleger os cordéis da BORAA como produto de nossa representação cultural, perpassou uma escolha intencional.

De um leque de objetos existentes na Biblioteca, frutos do colecionismo do professor Átila Almeida, por que eleger os cordéis como ponto de destaque e elemento representativo da identidade nordestina? Desse modo, o processo de resignificação não ocorre de maneira desordenada, mas, sim, de acordo com os interesses e intencionalidades dos papéis sociais dos agentes (MERÊNCIO, 2013).

Mesmo configurando-se como uma escolha intencional, tratando de uma atitude deliberada, é fato que existe um reconhecimento do cordel por um dado grupo. Pessoas das mais diversas classes sociais compram, lêem, se atualizam e se reconhecem nos folhetos: feirantes, donas de casa, comerciantes, músicos, professores universitários etc. Isso ocorre em função do seu poder de ressonância.

A simplicidade física do suporte, o toque de rusticidade expresso pela xilogravura, a escrita ritmada e o texto agradável ora pelas histórias engraçadas, ou caricaturizadas, ou sobre eventos reais, permitem ao usuário fazer uma leitura rápida e palatável. Afinal, o uso de estrofes e de figuras de linguagem do cordel difere da escrita comum e fria dos jornais e dos livros em prosa. O seu tamanho e volume, pequeno e leve que cabe no bolso, e o seu singelo preço são elementos mais atrativos que se inclui aos folhetos. Esses conjuntos de características pertencentes a um único documento, somando o seu formato acessível, produzem ecos nos diversos grupos, sinalizando o reconhecimento do cordel como elemento nordestino (CURRAN, 2009; SARAIVA, 2011b). O folheto, nessa direção, possui a acolhida identitária.

A ressonância enquanto característica cultural ressalta, ainda, a imbricação que os bens materiais possuem em relação aos seus proprietários; o cordel existe porque tem o cordelista e vice-versa. Objeto e criador se resignificam e só têm existência porque sem um, não há o outro. Assim, podemos compreender que existe uma extensionalidade entre eles em função do atributo simbólico de quem o produz e do produto (MAUSS, 2003).

Então, além da configuração física, o amplo reconhecimento social de um dado grupo, o cordel é carregado de subjetividade, terceiro elemento indicado por Gonçalves (2005) que diferencia um mero objeto de um produto cultural. Afinal, este é significado por um sujeito situado num tempo e espaço circunscrito, rodeados de costumes, crenças e moral. Um dado objeto que tem valor cultural para um grupo, num mesmo período cronológico, pode não possuir qualquer identificação para outro grupo. Ou ainda, um objeto pode significar relevância num dado tempo para uma comunidade, já, noutra período, para a mesma comunidade não possui qualquer identificação grupal. Por esse motivo, a relevância em incluir a subjetividade como elemento caracterizador de um produto cultural.

Quando um objeto agrega características como materialidade, ressonância e subjetividade, confere-lhe um novo significado social, sendo reconhecido como produto cultural. Essas características acima, somadas ao reconhecimento institucional por organismos legalizadores dos bens culturais, inauguram um novo patamar e, o que era produto cultural, recebe o estatuto de patrimônio. Corroborando, Salaini e Graeff (2011, p. 172) dizem que:

a atribuição de 'valor cultural' a determinados bens, objetos e processos contribui não apenas para a produção de novos saberes e práticas, mas, sobretudo, para a multiplicação de pontos de vista sobre o papel do patrimônio na afirmação e redefinição de identidades nacionais, regionais e locais.

A categoria patrimônio surge nos fins do século XVIII, embora o transcenda no tempo. Gonçalves (2005) afirma o seu caráter milenar, estando presente no mundo clássico, na Idade Média, apresentando-se incluso nas culturas primitivas. Contudo, é na modernidade, com a definição dos parâmetros científicos, o que inclui a construção de áreas do conhecimento, que o "patrimônio" é disciplinarizado e, nesse processo, entendido em duas dimensões complementares e indissociáveis: a material e a imaterial (SOUZA FILHO; ANDRADE, 2012; JARMAN, 1998, tradução nossa).

Sem o jogo simbólico, falta de significado e de reconhecimento por parte do grupo e ausência de funcionalidade, um objeto físico qualquer não possui um diferencial cultural e, portanto, é desconfigurada a sua imaterialidade. O patrimônio só existe se sua dimensão imaterial for sentida e percebida pela comunidade, o que ocorre com o cordel, reconhecidamente patrimônio nordestino. É a excepcionalidade que demarca a fronteira do significado imaterial do patrimônio (SOUZA FILHO; ANDRADE, 2012).

Segundo Mauss (2003), ao patrimônio deve ser considerado o conjunto de técnicas materiais que são realizadas na sua construção e o uso de objetos inerentes a esse processo, pois se constituem como parte integrante para o seu resultado final. Recomenda-se a descrição de toda a cadeia produtiva do patrimônio para que as agências considerem como tal. No cordel, a inspiração que conduz a sua produção textual, a tipografia utilizada para a impressão, a preparação do papel, seus cortes ou dobras, a madeira escolhida e como é talhada para confecção do carimbo conhecido por xilogravura são inerentes ao processo que pontua tal documento como patrimônio nordestino. Todos esses condicionantes complexos, entre outros, envolvem os seus aspectos histórico, social, cultural, moral, estético e econômico.

Valendo-se de um posicionamento crítico e corroborando nossos argumentos, asseverando a relevância do cordel, Souza Filho e Andrade (2012) enfatizam que conservar o patrimônio material é, sobretudo, conservar objetos produzidos. Quanto ao patrimônio imaterial, sua essência repousa na virtualidade de objetos, ou seja, em conservar processos. A ênfase, no primeiro caso, é o produto, no segundo, é sobre o ato de produzir. Assim, consideradas as devidas análises, o cordel se enquadra como elemento identitário nordestino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ideário popular, ser culto é algo predestinado aos sujeitos oriundo da elite em função de sua sofisticação. Durham (1983, tradução nossa) argumenta que essa noção primeira sobre "ser culto", provoca a seguinte percepção atrelada aos eleitos bens culturais: são poucos indivíduos capazes de apreciá-los, garantido por uma faculdade cognitiva especial, fruto do arcabouço informacional acumulado. Assim, escolher os bens culturais passava pelo pleito de uma dada elite econômica e social, que definia políticas culturais em acordo com as suas conveniências. Muito embora, no século XXI, esse tipo de prática se manifeste de forma mascarada, pois, ainda cabe a um grupo de privilegiados escolher o que pode ou não ser representativo e identitário para um grupo social.

O cordel, por exemplo, era, até início da virada do século XXI, tido como literatura de "segunda mão" e marginalizado objeto de estudo acadêmico. Na Paraíba, destoava dessa visão os professores universitários e acadêmicos Átila Augusto Freitas de Almeida (1923 - 1991) e Francisca Neuma Fechine Borges (193-? - 2006). Aquele, o maior colecionador e pesquisador de

cordel brasileiro das Américas; essa, fundadora na década de 1970 do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ambos, estudiosos e que partilhavam do respeito e da crença quanto à representatividade do cordel enquanto elemento identitário da cultura nordestina (MAIA; OLIVEIRA, 2008).

Não há dúvida que o folheto é um produto da ação humana e se figurou no século XX como notadamente nordestino, assumindo roupagem peculiar dessa cultura. Ele assume sua matéria num suporte e, seu estatuto de patrimônio lhe é atribuído pelo reconhecimento social em função do sentido produzido. Do formato ao texto, o cordel tem peculiaridades em sua narrativa que nos inclui, materializados nas estrofes, versos e palavras, próprios de nosso vocabulário. A lógica de sua produção, a sua função social, a forma como são escritos, a simplicidade, os temas, o simbolismo linguístico, a finalidade pelo qual é concebido, enfim, são essas as singularidades que o inclui como produto cultural.

Assim, considerar o cordel como patrimônio é perceber que é eleito, ou seja, trata-se de uma escolha intencional. Sem dúvida, assume papel singular na resignificação de nossa cultura, do seu produtor e do próprio produto. É dessa forma dinâmica e sem controle que o cordel adquire organicidade. Adquire vida própria sem se desprender do seu criador e, por isso, decorre a sua ressonância. Desse modo, a cultura concretiza-se por meio da materialidade dos objetos, que só adquire valor quando assume representação simbólica capaz de significá-lo e ser reconhecido por um dado grupo. A cultura é um processo contínuo e interativo, que promove o aperfeiçoamento individual e coletivo dos grupos humanos. Por isso, é reconstruído e resignificado, pois está em constante movimento.

De tradição secular, o cordel permeia o nosso cotidiano. Confundido, às vezes, por "opúsculo, plaquete, livrinho, livreto, separata, folha (solta, volante) e, como ocorria no século XVIII, o papel [também sofre variação quanto ao] formato, número de páginas, tipo, conteúdo e até os modos de comercialização" (SARAIVA, 2011a, p. 5). Documento de caráter literário, por vezes marginalizado nos espaços institucionais de saber, o folheto ganha no século XXI visibilidade internacional e estatuto de fonte de informação e de pesquisa.

Das imagens das capas dos cordéis talhados em madeira, vivemos numa atualidade cibernética, com softwares que simulam os desenhos de xilogravuras. Em outros casos, o cordel já nasce virtual, assumindo novos formatos, temas e modos de difusão, agora, viabilizado pela internet. Os novos tempos de interatividade e de comunicabilidade se mostram propícios para os cordéis e os seus produtores. São novos resignificados para novos tempos de tecnologia digital.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Grandes cordelistas**. Rio de Janeiro: ABLC, 2015. Disponível em: http://www.ablc.com.br/historia/hist_cordelistas.htm. Acesso em: 05 maio 2018.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ALMEIDA, Átila Augusto Freitas de; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Universitária, 1978.

ARONI, Bruno Oliveira. Por uma etnologia dos artefatos: arte cosmológica, conceitos mitológicos. **Revista Proa**, n. 2, v. 01, p. 1-27, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: UNICAMP, 2011.

BARROS, Leandro Gomes de. **História da donzela Teodora**. São Paulo: Luzeiro: [20--].

BORGES, Francisca Neuma Fechine. **Poesia de cordel**: relações icônico-textuais. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN, 4., 1998, Recife: UFPE. **Anais...** São Paulo: USP, 1998. Disponível em: www.eca.usp.br/associa/alaic/congreso1999/8gt/francisca%20neuma.rtf . Acesso em: 05 maio 2018.

BUENDIA, Mercedes Pardo; SILVEIRA, Luciana Braga. Da invenção da tradição (ou de como os patrimônios nos inventam). Notas sobre a patrimonialização do pastoreio na Espanha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 36, p.145-169, jul./dez. 2011.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

DURHAM, Eunice Ribeiro. Reflections on culture, heritage and preservation. **Vibrant**, v. 10, n. 1, p. 77-94, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 4 v em 5.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, v. 11, n. 23, Porto Alegre, jan./jun. 2005.

JARMAN, Neil. Material of culture, fabric of identity. In: MILLER, Daniel et al. **Material cultures**: why some things matter. London: UCL Press, 1998.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MAIA, Manuela Eugênio. **Das tecnologias que agem sobre os corpos**: as relações de poder nas instituições educativas modernas. 2004, 127f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

_____. **Relatório sobre o Sistema Integrado de Bibliotecas da UEPB:** gestão setembro de 2006 a julho de 2013. Campina Grande: UEPB, 2013. 45p.

_____; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. A experiência nos processos de digitalização do acervo de cordel da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. **Em questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 85 - 104, jul./dez. 2012.

_____; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. Tratamento documental para cordéis: o raro acervo Átila Almeida. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 1., 2008, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa, UEPB, 2008.

_____; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. O cordel e os enlaces com a Ciência da Informação: necessária revisão quanto ao seu potencial tipológico na esfera descritiva. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, UFBA, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3940/2310>. Acesso em: 15 mar. 2019.

MONTEIRO, Manoel. **O gato de botas:** um conto de Charles Perrault. Campina Grande: [s. n.], 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MERENCIO, Fabiana Terhaag. A imaterialidade do material, a agência dos objetos ou as coisas vivas: a inserção de elementos inanimados na teoria social. **Cadernos do LEPAARQ** – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, v. 10, n. 20. Pelotas, RS: UFPEL, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUSITEC, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso.** Campinas: Pontes, 2001.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SALAINI, Cristian Jobi; GRAEFF, Lucas. A respeito da materialidade do patrimônio imaterial: o caso do INRC Porongos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 17, n. 36, p. 171-195, jul./dez. 2011.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de cordel portugueses.** Recife: Museu de Arte Popular, 2011a. (Exposição Teia de Cordéis, no Museu de Arte Popular).

SARAIVA, Arnaldo. **Re: dúvida!** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por asaraiva@netcabo.ptem 12 ago. 2011b.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA FILHO, Benedito; ANDRADE, Maristela de Paula. Patrimônio imaterial de quilombolas – limites da metodologia de inventário de referências culturais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 75-99, jul./dez. 2012.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (Brasil). **Catálogo de cordéis**: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. Campina Grande: UEPB, 2016. Disponível em: <http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/#acervo>. Acesso em: 14 jul. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (Brasil). **Folheto de cordel é tema de palestra do professor português Arnaldo Saraiva em João Pessoa**. Campina Grande: UEPB, 2011. Disponível em: http://www.uepb.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2371:folheto-de-cordel-e-tema-de-palestra-do-professor-portugues-arnaldo-saraiva-no-campus-v-da-uepb-em-joao-pessoa&catid=178:outros-destaques&Itemid=410. Acesso em: 9 set. 2018.

ULHÔA, Joel Pimentel de. **Reflexões sobre a leitura em filosofia**. Goiânia: UFG, 1997.